

## CONTANDO A GENTE ACREDITA<sup>1</sup>

*Celso Sisto*

Hoje não há mais a fogueira e o ritmo da noite aconchegando ouvintes em torno dos acontecimentos guardados na memória do narrador tradicional.

Hoje não há mais a música do tear entrelaçando as histórias que se contavam como cânticos de trabalho.

Também há a distância e o tempo empurrando os olhos para as imagens prontas e as palavras frouxas que não acendem a imaginação.

Com tudo isso, poder-se-ia dizer: contar histórias é uma arte sem lugar às portas do século XXI.

Mas, vamos experimentar convidar algumas pessoas. Sim, pessoas! Aquelas que ainda podem ouvir algo mais que suas próprias vozes e que são capazes de acolher palavras, no silêncio preenchido por uma pausa, um gesto, um olhar. Juntá-las em semicírculo e ficar bem próximo a elas - a distância necessária para que cada uma sintam-se única sem prescindir do grupo - e, então, deixar o olhar fixar o avesso e ir-se derramando, palavra por palavra, no córrego da emoção.

É esse o primeiro passo para acordar a imaginação.

Então contar de reis e rainhas, príncipes e princesas, gnomos e duendes, meninos e meninas, animais falantes e coisas de outro mundo e coisas desse mesmo mundo, só que contadas com jeito de quem viu ou viveu o que fala e repete a história com emoção renovada a cada vez. Sim, porque contar histórias depende muito também de quem ouve. As crianças

---

<sup>1</sup> In: SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias** (2ª ed. revista e ampliada). Curitiba, Positivo, 2005. p.19-24

se encantam com o possível e o impossível. Os adultos se encantam em vislumbrar um caminho que lhes devolva o sonho.

O que vale mais é sentir a liberdade de ser co-autor da história narrada e poder receber a experiência viva e criar na imaginação o cenário, as roupas, a cara dos personagens, o jeito de cada um, as cores - tudo que foi apenas sugerido pelo narrador.

E, com certeza, depois vai ficar ecoando através do tempo aquelas histórias ou partes que são valiosas, belas e memoráveis. Vai dar vontade de conferir nos livros aquela história que fez nossos olhos enlucados piscarem num brilho renovador.

E o melhor é que o lugar para ouvir histórias vai depender também de quem conta. Pode ser na sala de aula - transformada em pátio de castelo -, pode ser na sala da casa - transformada em sala do trono -, pode ser embaixo de uma árvore - transformada na torre mais alta da fortaleza - e ainda numa praça, num campo, numa biblioteca, aproveitando para dar a cada lugar o desenho necessário para enriquecer a narração. Agora, se isso tudo despertar o sabor de um passeio com o qual se sonhou há muito, não perca tempo, brinque de SER!

O mais importante é que todos saiam satisfeitos, com a sensação de que a criação da beleza pode se dar em palavras, com a força de quem refaz o mundo no espírito, no mistério, no humor, na maravilha, e depois abre a porta para o insuspeitado.

A grande dica para ser um bom narrador de contos é ler muito; os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida que vai em cada coisa. E não ter pressa: o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer (que é muito diferente de ler uma história, que também é diferente de explicar uma história!). Mas igualmente deve ser sua paixão pelo silêncio. E esse é o aprendizado mais difícil para o imediatismo que nos assola nesse final de século! Só quando

o silêncio interior se torna insuportável é que o contador está pronto para contar uma história. É preciso estar cheio desse silêncio para que contar a história seja absolutamente necessário. Toda preparação de história produz um rumor silencioso que vai se amplificando até explodir na palavra. Esse é o processo de maturação de uma história, sem o qual não há **contação**!

Mas, auto lá! Só se conta bem aquela história que a gente amou, estudou e contou pras paredes, pro teto, pro espelho, pros filhos, até que ela brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção.

O momento de escolher uma história pra contar é muito importante. Critério indispensável é o que leva em conta a qualidade literária ( o trabalho com a linguagem escrita) do texto que vai ser contado. Então abrir espaço para o lúdico, para o humor, sem deixar de observar a força e coerência dos personagens, atentar para a magia e a fantasia ou o real entremeando os diálogos fluidos e ricos. É sempre bem vinda a sugestão poética perspassando o texto e tocando a sensibilidade do ouvinte!

Quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre história e ouvinte, oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e recriar. Esses espaços de locomoção do ouvinte dentro de uma história podem ser construídos pelas pausas, silêncios, ações, gestos e expressões, de forma harmônica. O contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que ele escolheu contar. Como garantia de uma narração viva estão elementos como originalidade, surpresa, conflitos instigantes, questionamentos nas entrelinhas, a agilidade da **contação** e a expressividade.

Mas contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem, quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas quando a história contada

vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento.

Uma história é feita, na cabeça do ouvinte, pela construção de expectativas, frustrações, reconhecimentos e identidades. Uma boa história sabe operar isso de maneira a adiar e prolongar o prazer para um outro tempo preciso; e tirar da sua forma, da sua própria construção um prazer ainda maior. E uma história estimulante pode apresentar toda sorte de construção. O que se oculta e vai sendo revelado aos poucos é próprio do jogo, também da linguagem. É por isso que o contador de histórias é também aquele que descobriu que brincar com as palavras é prazeroso.

Mas, se o público for misturado, vá com calma. Escolha histórias sem fronteiras, que é pra encantar todo mundo. Depois, quem sabe será preciso inventar novas histórias para desvirar o filho de sapo em príncipe, ou transformar a mãe na "fada que tinha idéias", a árvore da escola em escada para o céu. Depois passe também o chapéu para outra cabeça, porque já se sabe que quem conta um conto, aumenta um ponto, uma vírgula, uma exclamação e uma boca aberta diante da possibilidade de se construir um mundo melhor - povoado de histórias.

E para ficar ecoando: quando optamos por contar histórias, optamos por uma série de resgates: recuperar nossa infância e as fogueiras invisíveis que sempre imaginamos a magia ideal para acender uma história; reencontrar nossos folguedos, medos (por que não?), mitos e assim refazer nossa trajetória afetiva; redefinir nossa imagem social diante daquilo que nos tornamos; visitar nossa noção de cidadania para redimensionar nossas crenças na palavra como gesto sonoro capaz de se propagar ao infinito e incitar mudanças; remexer nossa imaginação com cargas sempre maiores de liberdade; recompor o lugar de seres criadores que todos ocupamos no mundo. Tarefas nada simples. Ainda inconclusas, uma vez que seguimos sendo esboços de inúmeros desejos e projetos. E é pelo desejo de falar com

o outro que levantamos a voz . E a matéria do nosso sonho - que a princípio pode parecer fugaz, já que o ato de narrar oralmente não se perpetua no tempo e no espaço - só encontrará eco se levar, num próximo passo, o ouvinte ao livro. Aí sim, ao refazerem suas histórias de leitores, o contador de histórias ocupará nessas biografias um lugar especialmente resguardado pelo coração. E que toda essa fala aqui venha legendada pela urgência de novos contadores de histórias!

Agora o recado está inteiro!